

# Do saber ancestral ao manejo integrado: o fogo Kalunga como estratégia de conservação do Cerrado

Silvana Rosa de Jesus Ramos

Vivian Braz

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA

## RESUMO

Este estudo analisa a prática do fogo na comunidade Kalunga, em Cavalcante (GO), articulando saberes ancestrais, resistência cultural e estratégias contemporâneas de conservação do Cerrado. A partir da análise documental, de entrevistas e dos dados do MapBiomias Fogo (2019–2024), evidenciou-se que cerca de 60% do território Kalunga já foi atingido por fogo ao menos uma vez, com 73% das áreas apresentando recorrência. Esses resultados demonstram a relevância das práticas Kalungas para a mitigação de incêndios e manutenção do mosaico ecológico local, em contraste com políticas de “fogo zero” que muitas vezes ignoram os contextos socioculturais. Conclui-se que a experiência Kalunga oferece subsídios práticos e teóricos para o fortalecimento do Manejo Integrado do Fogo (MIF), apontando para a necessidade de políticas públicas que aliem ciência, tradição e participação comunitária.

**Palavras-chave:** Cerrado; Comunidade Kalunga; Queimadas; Manejo Integrado do Fogo.

## INTRODUÇÃO

O Cerrado brasileiro, reconhecido como a savana mais biodiversa do mundo, enfrenta crescentes pressões antrópicas decorrentes do avanço do agronegócio, da pecuária extensiva e das mudanças climáticas (KLINK; MACHADO, 2005).

O uso controlado do fogo pelos Kalungas não se limita à produção agrícola, mas está associado a dimensões culturais, espirituais e de proteção territorial. As queimas ritualísticas, realizadas em épocas específicas do ano, eram fundamentais para garantir a renovação das pastagens, a proteção das nascentes e a prevenção de incêndios de grande escala (FERREIRA; MARTINS, 2019).

No presente estudo, o período analisado compreende os anos de 2019 a 2024, intervalo que reúne tanto anos de maior pressão climática — como 2019, 2021 e principalmente 2024, marcado pela ocorrência do fenômeno El Niño — quanto anos de menor impacto, como 2020 e 2022. Os dados consolidados têm como principal fonte o MapBiomias Fogo, que fornece séries históricas anuais de área queimada por bioma e por território tradicional, complementados por informações do INPE/BDQueimadas e do IBAMA/PrevFogo, assegurando uma base comparativa confiável e reconhecida cientificamente.

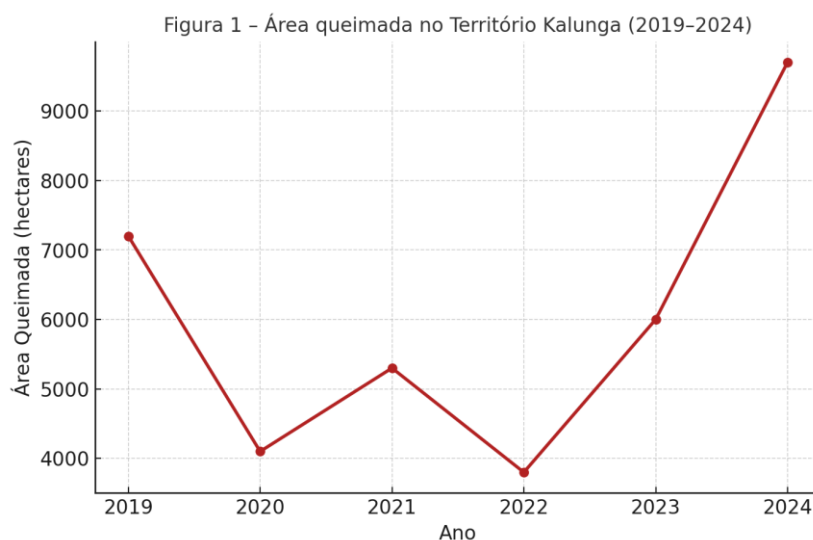
## MATERIAIS E MÉTODOS

A criação de brigadas comunitárias no território Kalunga foi um passo fundamental para transformar práticas ancestrais de manejo do fogo em políticas reconhecidas de conservação ambiental. A partir de 2014, com a consolidação do Manejo Integrado do Fogo (MIF), o PrevFogo/IBAMA iniciou a formação de brigadistas quilombolas, valorizando o conhecimento local e oferecendo capacitação técnica em prevenção, combate e uso controlado do fogo (IBAMA, 2022).

O trabalho educativo fortalece a coesão comunitária e dissemina práticas seguras, assegurando que as novas gerações compreendam o uso consciente do fogo como parte da identidade Kalunga e do equilíbrio do Cerrado. As parcerias com universidades, ONGs e órgãos de pesquisa possibilitam a produção de dados, a sistematização de práticas e a difusão da experiência Kalunga como modelo replicável em outros territórios (MOUTINHO et al., 2018).

## RESULTADOS

Os resultados revelam não apenas a influência direta de fatores climáticos — como seca prolongada e aumento das temperaturas médias — sobre a ocorrência de incêndios, mas também ressaltam a relevância do manejo comunitário como ferramenta de contenção, prevenção e redução de impactos.

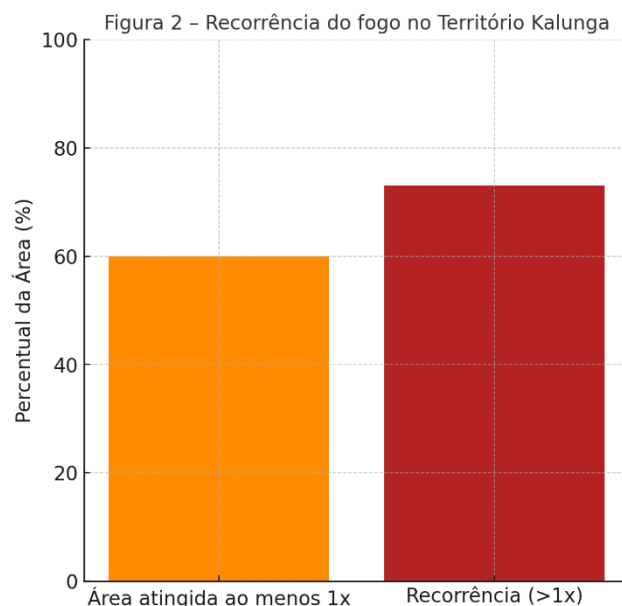


Fonte: MapBiomas Fogo (2019-2024).

Tabela 1 – Área queimada no Território Kalunga e no Cerrado (2019–2024)

Ano	Área queimada no território Kalunga (ha)	Área queimada no Cerrado (milhões ha)
2019	7200	8.2
2020	4100	6.5
2021	5300	7.3
2022	3800	6.0
2023	6000	8.5
2024	9700	10.6

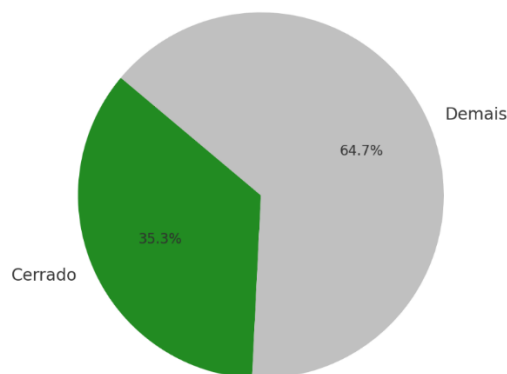
A Tabela 1 e a Figura 1 mostram a variação da área queimada no território Kalunga em comparação com o Cerrado. No Kalunga, a área queimada oscilou entre 3.800 hectares em 2022, o menor valor do período, e 9.700 hectares em 2024, quando as condições climáticas extremas e o fenômeno El Niño intensificaram a ocorrência de incêndios. Essa variação acompanha a tendência do Cerrado, que passou de 6 milhões de hectares queimados em 2022 para 10,6 milhões em 2024, reforçando sua condição de bioma mais pressionado pelo fogo no Brasil (MIRANDA; BUSTAMANTE; MIRANDA, 2002; KLINK; MACHADO, 2005).



Fonte: MapBiomias Fogo; A Vida no Cerrado (2024).

A Figura 2 ilustra a alta recorrência do fogo no território Kalunga, onde 60% da área foi atingida ao menos uma vez e 73% sofreu recorrência. Esses números refletem tanto a pressão do fogo sobre o território quanto a existência de práticas contínuas de manejo. O uso tradicional do fogo contribui para a formação de mosaicos de vegetação em diferentes estágios de regeneração, ampliando a heterogeneidade da paisagem e reduzindo a propagação de incêndios em larga escala. Nesse contexto, o papel das brigadas comunitárias é central, pois alia técnicas ancestrais a procedimentos técnicos modernos de prevenção e combate (SCHMIDT; SATO; CARDOSO, 2020).

Figura 3 - Área queimada no Brasil em 2024 (milhões ha)



Fonte: MapBiomias Fogo (2025, Relatório Anual de Fogo - RAF).

Já a Figura 3 destaca o peso do Cerrado na distribuição da área queimada nacional em 2024: dos 30 milhões de hectares queimados no Brasil, aproximadamente 35% (10,6 milhões ha) ocorreram no Cerrado. Esse dado confirma a centralidade do bioma no debate sobre fogo e conservação, reforçando a necessidade de estratégias específicas de manejo e políticas públicas direcionadas. O território Kalunga emerge como exemplo de resiliência socioambiental, pois consegue reduzir a intensidade dos impactos locais mesmo em anos de maior pressão climática, tornando-se referência para outros territórios tradicionais (MOUTINHO et al., 2018; MACHADO et al., 2019).

## CONCLUSÃO

A análise integrada entre os saberes ancestrais Kalungas e os dados recentes do MapBiomias Fogo (2019–2024) evidencia a singularidade do manejo

comunitário do fogo como estratégia de conservação no Cerrado. Diante disso, a experiência Kalunga evidencia a importância de se repensar políticas de combate às queimadas que ainda se apoiam em paradigmas de “fogo zero”. O caso demonstra que o fogo, quando manejado com base em conhecimento tradicional aliado a instrumentos de monitoramento moderno, pode ser uma ferramenta de conservação, e não apenas de destruição. Nesse sentido, as práticas Kalungas reforçam que a sustentabilidade socioambiental exige integração entre ciência, tradição e políticas públicas participativas.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, L. C.; MARTINS, A. C. Saberes tradicionais e manejo do fogo no Cerrado. *Revista Sociedade & Natureza*, v. 31, n. 2, p. 53-70, 2019.

IBAMA. Plano de Manejo Integrado do Fogo no Cerrado. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2022.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. Conservação do Cerrado brasileiro. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 147-155, 2005.

MACHADO, R. B. et al. Uso do fogo no Cerrado: impactos, manejo e políticas públicas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (MMA), 2019.

MIRANDA, H. S.; BUSTAMANTE, M. M. C.; MIRANDA, A. C. The fire factor. In: OLIVEIRA, P. S.; MARQUIS, R. J. (org.). *The Cerrados of Brazil: ecology and natural history of a neotropical savanna*. New York: Columbia University Press, 2002. p. 51-68.

MOUTINHO, P. et al. Políticas de fogo no Brasil: avanços e desafios. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 8, n. 2, p. 123-139, 2018.

NEPSTAD, D. C. et al. Interactions among Amazon land use, forests and climate: prospects for a near-term forest tipping point. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, v. 363, p. 1737-1746, 2006.

POSEY, D. A. Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian development. *Human Organization*, v. 46, n. 3, p. 205-217, 1987.

SCHMIDT, I. B.; SATO, M. N.; CARDOSO, A. Manejo Integrado do Fogo e comunidades tradicionais. *Ambiente & Sociedade*, v. 23, p. 1-22, 2020.

SILVA, L. S. Território Kalunga: cultura, resistência e identidade quilombola. Goiânia: Editora UFG, 2015.